

Waldemar

O Boto Cantador da Amazônia

* Antonio Edvandro Pessoa de Oliveira

Waldemar Henrique é um boto lá das bandas da
Amazônia e que canta o seu povo.
Desde o início, sua missão foi alumiar os caminhos
da floresta, onde ele tanto se embrenhou.
Sempre teve os olhos de calma e observou as
coisas com poesia.

“Waldemar Henrique me revela a alma brasileira
que venho procurando.”
Cassiano Ricardo (1935)

Quando o menino nasceu trazia a marca do boto. Sairia da água e ganharia o mundo. Os rios e a floresta saudaram sua chegada. Veio em notas e acordes que logo ganharam a simpatia da mata. Tinha a sina das estrelas e um amuleto de som. Os velhos macuxis cochichavam de cócoras - cachimbo à mão - sobre a lenda que o menino tiraria dos dedos, que seriam mágicos.

Veio a chuva e veio o sol.

Waldemar (de um “W” esquisito, mas universal) Henrique (de identidade amazônica da Silva), sendo composto pela natureza, trouxe em cachos de canções, como se açai fosse. Veio dar gosto refinado ao cenário da vida amazônica. Não trouxe as notas musicais por acaso, mas para expandir as mil e tantas noites do nosso fabulário pelos cantos do país e do mundo. Parece feitiço caboclo!

As cantigas, as lendas, as danças sempre encantaram o menino Waldemar. Tanto que foi impulsionado a transformar em registro os mistérios e as assombrações da Amazônia, região onde os rios e fábulas comandam a simplicidade cabocla de viver (numa ousadia brascubana, creio que o poeta Ruy Barata, que fez do rio a sua rua, não me deixaria mentir).

Diz a lenda do Tamba-Tajá que o apaixonado índio macuri carregou a sua amada paralítica para o roçado, para a guerra e onde quer que fosse. Para o Rio de Janeiro, no início da década de 30, Waldemar carregou suas roupas, suas canções, seu talento e sua irmã Mara, intérprete maior de suas composições. Lá, a atividade musical poderia ter melhor compensação. Assim, qual boto aventureiro, deixava as águas calmas de cá para dedicar-se às ondas evidentes do Rio de Janeiro.

Surgiu em momento profícuo o trabalho musical de Waldemar Henrique. Por essa época, a ambientação cultural da então capital do Brasil recebia os ventos do Modernismo. A busca da identidade artística nacional era reinante. Fagulhas de manifestações culturais, especialmente os movimentos literários, resvalavam em várias direções, onde quer que houvesse artista em atividade registradora das evoluções do pensamento modernista. Nesse trânsito de idéias, o jovem nortista, que sempre exaltou suas origens, teve boa acolhida.

A natureza, misteriosamente, casa elementos de maneira tão espontânea que chega a surpreender a alma de qualquer contemplador: o homem e a

terra; a lua e a maré; o amazônida e o rio. Nesse ritmo original, o estilo poético musical casou-se com Waldemar Henrique (ou o contrário?), “desde a mocidade distante”, diz o mestre. Sob essa confirmação e, nascido aquariano, o incansável maestro teve uma fecunda participação no cenário musical brasileiro. Elegendo ritos populares e lendas como força motriz dignos de representação clássica, foi pajé encantador. Sua fórmula de musicar poemas de consagrados autores nacionais coincide com a sua atitude de dar referência à alma gentil tupiniquim - produto do encontro das raças. O mundo brasileiro, nas suas facetas mais autênticas, a cada momento, recebe uma homenagem de Waldemar. Desdobrou-se em vários o espírito de uma de suas primeiras canções, “Minha Terra”.

“Este Brasil tão grande amado
É meu país idolatrado
Terra do amor e promessa
Toda verde, toda nossa
De carinho e coração”

Na obra de Waldemar não há simples referências ou homenagens, mas intenção criativa de mostrar ao mundo a fonte poética que corre caudalosa pela nossa floresta de encantos. Encanto que não se embaça pelo fusco das visagens. E aí o interessante: as visagens, com ou sem a máscara da invasão cultural, podem provocar dor, mas a força misteriosa das nossas peregrinações é muito maior. Nesse sentido, Waldemar Henrique da Costa Pereira se apega com unhas e dentes ao seu potinho de barro numa roda de boi-bumbá. Por isso ele é visionário, um senhor de férteis idéias enriquecidas a partir do mais simples.

Sem perder o W ou o H, ele faz-se presente nos corais do Brasil inteiro na forma de suas canções.

E diz a lenda que o maestro não ficará no seio da terra, mas seguirá remando e contando as coisas da floresta.

* Aluno do 4º ano do Curso de Letras da UNAMA

MINHA TERRA

CANÇÃO

Letra e Música de WALDEMAR HENRIQUE

Introd.
Moderato
sem ritmo

PIANO

Es-te Bra-sil tão gran-de a-

ma-do É meu país i-do-la-trá-do Ter-ra de A-mor e Pro-mis-são

Toda verde, toda nossa De car-inho e co-ra-ção

Na-sil-se que-ri-er-mo-sa-

ta-da O ser-ta-se jo-ze-ra so-zi-á-lo E vai con-tar pra na-mo-

ter-ra e ter-de em-fre-s-ta ra-mo-re-ja Con-tando pas-sa-mi-nha

ta-da No la-men-to do seu pinho. I. E o sol que nasce a

ter-ra Na to-á-da ser-ta-

© Copyright 1988 by Imédia Visual S/A, Inc. e Osm - São Paulo - Rio de Janeiro - Brasil.

ne-ja. 2. Es-te sol, es-te lu-a-az. Es-tru-tu-ra e na-tu-za. 3.

e-lras. Es-tas flo-res, es-te mar. Es-te mundo de pa-l-

me-l-ras. Tu-dois, tod-ô, meu Bra-sil. Deus, ful-gu-ra-te, de-u

E-le po-re-toe-bra-sil, tel-ro. Bra-sil tel-ro co-mo eu.

FIM